

EVOLUÇÃO E DIFICULDADES NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE BRASILEIRA

Maria Nathália da Silva Pimentel¹
José Marcelo Gabriel da Silva²
Francisco Antônio de Oliveira Júnior³
Thiago Akilla Isidio Ventura de Lima⁴
Paulo Cesar de Oliveira⁵

RESUMO

Os métodos de ensino da geografia passaram por diversas mudanças ao longo dos séculos e obtiveram características complexas e próprias, mas, para que isso acontecesse diversos fatos ocorreram. Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar a evolução que ocorreu nos métodos de ensino da geografia e como esses são utilizados no ensino de geografia no Brasil. Utilizou-se o método exploratório e trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada em artigos e livros relacionados ao tema sobre métodos para o ensino geográfico. Por conta de interesses diversos da população o ensino de geografia, passou por várias fases, de acordo com a evolução da ciência geográfica, mas atualmente volta-se para o social, incitando a criticidade nos alunos. Assim, esta pesquisa foi desenvolvida com o interesse de analisar um tema que muitas vezes é esquecido e que tem muita importância para o cenário atual.

Palavras-chave: Métodos. Ensino de Geografia. Dificuldades. Ensino.

INTRODUÇÃO

Os métodos de ensino de geografia surgiram a partir da necessidade do homem de analisar e compreender tudo que existe ao seu redor, isso aconteceu na pré-história e começou a ser ampliado na Grécia Antiga com as explorações geográficas e os estudos filosóficos. Pois, “o rótulo geografia é bastante antigo, sua origem remonta à Antiguidade Clássica, especificamente ao pensamento grego. Entretanto, apesar da difusão do uso deste termo, o conteúdo a ele referido era por demais variados” (MORAES, 1994).

A evolução dos métodos de ensino geográfico levou a novas descobertas, uma delas ocorreu a partir do século XIII e possibilitou o desenho de mapas que demarcavam territórios, apresentavam novas terras e colocavam em desuso os mitos sobre os mares. Originando-se

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - UPE, nathalia78pimentel@gmail.com;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - UPE, josemarcelogs@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - UPE, juniorteixe09@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - UPE, akilaslima03@gmail.com;

⁵ Orientador: Mestre, Professor adjunto da Universidade de Pernambuco - UPE, geografo_paulo@hotmail.com

assim, a cartografia conhecida atualmente. Uma vez que, surgiu “neste período, as cartas de navegação ou cartas portulanas, criadas pelos navegadores genoveses (Itália), que precederam Cristóvão Colombo” (MENDONÇA, 2013).

Seguindo esta linha de raciocínio, este artigo visa analisar a evolução dos métodos de ensino geográfico, fazendo uma breve comparação entre a geografia tradicional e a geografia crítica e as dificuldades encontradas para a aplicação dos métodos de ensino geográfico em sala de aula. Desse modo, esta pesquisa foi desenvolvida com o interesse de analisar um tema que muitas vezes é esquecido e que tem muita importância para o cenário atual brasileiro.

Pois, devido às novas necessidades do espaço a educação e os educadores têm a responsabilidade de trabalhar os conteúdos já existentes através de novas metodologias e relacionando-os com a realidade local, para que haja a melhor compreensão por parte dos educandos.

Uma vez que, a busca por soluções para os problemas expostos pela sociedade fez com que as viagens exploratórias buscassem dados reais, invés de acreditar nos mitos que eram contados para explicar os acontecimentos no planeta. E pela necessidade de buscar conhecimento, diversos estudiosos passaram a especializar-se em temas específicos e o geógrafo teve grande importância nessa construção de conhecimento.

No entanto,

Para confrontar a Geografia Tradicional surge a partir da década de 60 a Nova Geografia também conhecida de Geografia Crítica, nessa etapa as ideias são alicerçadas no marxista em que focaliza no estudo crítico da sociedade e suas relações, especialmente na análise das classes. Hoje é preciso mesclar conceitos e correntes de pensamento do pensamento geográfico, vivemos em um mundo globalizado onde cada vez mais as informações têm fundamental importância. (FREITAS, 2015)

A geografia crítica mostra sua evolução com destaque de pontapé inicial marcado pelo último século, pós-segunda guerra, seguindo as influências do Marxismo e dos diversos aspectos de análise da nova geografia, cujo essas respostas às novas necessidades não eram mais suficientes na teórico quantitativa.

A geografia crítica no Brasil tem primeiros resquícios com as universidades do Sudeste, mais destaque a USP, e disputas devido ao novo cunho da ciência geográfica quanto a política com a associação de geógrafos brasileiros AGB.

Quanto ao Marxismo no Brasil, o mesmo tem bastante influencia nas raízes da nova geografia em seu âmbito acadêmico, no entanto, o mesmo não segue o perfil político do país, engendrando em diferentes consequências (EVANGELISTA, 2006).

A geografia e o seu ensino deve ser desenvolvida de forma dinâmica para que acompanhe todos os passos de um mundo cada vez mais interligado, essa ciência deve realizar uma leitura do espaço relacionando aos fatos que ocorrem desde questões naturais até conflitos.

E desta forma, o ensino de geografia passou por mudanças, em apoio das palavras de Amorim:

Mesmo a Geografia Crítica não tendo chegado de forma satisfatória a todas as escolas, de ensino fundamental e médio, a metodologia usada, atualmente, para aplicar os conteúdos em sala de aula tem passado por diversas mudanças, pois antigamente quando se falava em Geografia pensava-se logo nos mapas, nos rios, nas denominações de capitais, estados, governantes, nas áreas territoriais e altitudes, sendo que todos esses itens eram trabalhados de maneira descritiva, onde tudo era decorado. (AMORIN, 2009).

No entanto, ainda com apoio dos estudos do autor, concordamos com a afirmação do mesmo, devido à geografia ser uma ciência multidisciplinar de análise diversa, e no que se refere ao conteúdo: “compreende-se que memorizar conteúdos para reproduzi-los fielmente logo em seguida, é uma atitude totalmente insuficiente para ampliar-se o conhecimento (_____, 2009)”.

Desse modo, percebe-se que o método tradicionalista já não responde mais as necessidades das novas abordagens, sendo que o mesmo é caracterizado por:

Apostilas e cartilhas que determinam o que as crianças devem aprender a cada ano e os conhecimentos são transmitidos por meio dos professores. Os estudantes têm metas a cumprir, que são verificadas por meio de avaliações periódicas. Quem não atinge a nota mínima exigida no conjunto de avaliações para passar de ano é reprovado e precisa refazer o curso. Essas instituições visam o sucesso dos alunos em provas como o Enem (Exame Nacional de Ensino Médio) e o vestibular (SPITZCOVSKY, 2016).

Pois, ele é mais fácil de utilizar, e importante também, já que há necessidade de se abordar e conhecer os conceitos e informações acumulados pela humanidade, no entanto, enriquece pouco os alunos, pelo fato de conhecer o conteúdo não significa saber utiliza-lo em situações problema, concordando com as palavras de (LEÃO, 1999) e das novas necessidades da geografia crítica, o estudante precisa do conhecimento e da utilização do conhecimento nos mais diversos aspetos, vistos esse na nova geografia, principalmente em aspectos sociais críticos.

Portanto, pode-se compreender que os métodos geográficos, no que se confere ao ensino, além de passarem por diversas mudanças também foram aperfeiçoados por elas e absorveram as melhores contribuições que essa evolução lhe apresentou.

METODOLOGIA

Neste artigo, utilizou-se o método exploratório e a metodologia utilizada foi a bibliográfica, pois, visa analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. Esta pesquisa bibliográfica foi baseada na análise de artigos e livros das principais teorias relacionadas aos métodos de ensino da geografia e as geografias tradicional e crítica.

DESENVOLVIMENTO

A geografia explicada nas salas de aula tem a influência dos métodos de pesquisa, pois, através deles são desenvolvidos formas de ensinar. Mas, assim como os métodos o ensino também passou por fases e cada uma delas foi importante para a construção do que é ensinado atualmente nas escolas brasileiras. “O desenvolvimento da Geografia enquanto ciência deu-se a partir da segunda metade do século XIX, com as colaborações dos alemães Ratzel, Ritter e Humboldt e dos franceses Eliséé Reclus e Vidal de La Blache” (AMORIM, 2009, p. 01). Dessa maneira, as concepções e análises feitas por estes estudiosos foram basicamente o ponta pé inicial para o ensino desta ciência.

Mas quase meio século depois, o ensino da geografia começa a ser realidade nas escolas de nível secundário do Brasil durante o início do século XX e só teve início no âmbito acadêmico a partir da década de 30, sendo a Universidade do Estado de São Paulo (USP) pioneira a integrá-la na grade de cursos. Nesta época, era utilizado nas escolas o método tradicional de ensino, onde os alunos simplesmente tinham o dever de exercitar o conteúdo aprendido, repetindo e memorizando as fórmulas e os conceitos. Ademais, este método também é utilizado nas escolas brasileiras atualmente.

Para compreender a necessidade de uma mudança no método de ensino de Geografia é preciso entender que

no passado, a Geografia como disciplina escolar era extremamente vinculada a conceitos definitivos. Devido a isso diversos materiais didáticos forneciam informações meramente descritivas que não tinham nenhuma ligação entre aspectos naturais e sociais, a preocupação do ensino era somente conhecer, ou melhor, “decorar” dados estatísticos, nome de rios, de países, capitais entre outros. Diante dessa consideração fica claro que os conteúdos adotados não tinham perspectivas críticas e sim técnicas e sem argumentação (FREITAS, 2015).

Após as primeiras décadas do século XX a geografia consagrou-se como a ciência do espaço, seus métodos e fundamentações criadas desde a Grécia antiga permitiram esse título.

Já o geógrafo, tornou-se especialista em analisar o espaço, assim, este momento foi o ápice da história geográfica. Pois, a geografia estava inteiramente ligada a todos os setores da sociedade e teve uma grande importância para o desenvolvimento da indústria, da população, do governo e do ensino daquela época.

A partir dos anos 1950 houve um rápido desenvolvimento dos meios de dissipação do conhecimento e o geógrafo precisou ter novas ideias, porque “nesse quadro de realidade já não basta à teoria geográfica localizar, demarcar e mapear o espaço. É preciso saber ler e entender de mudanças” (MOREIRA, 2008, p. 16). No entanto, novos métodos de ensino geográfico acreditavam que “somente a linguagem matemática pode ser legítima como instrumento de conhecimento, pois só ela sabe restringir sua importância aos limites impostos pela lógica” (GOMES, 1996, p. 253).

Esta afirmação está associada a geografia teórico quantitativa, assim, observa-se a enorme união entre a geografia e a matemática durante as décadas de 1960 e 1970. Mas, foi observado que não é possível solucionar problemas econômicos sem uma intervenção no social, pois eles estão interligados, tudo se encontra interligado na sociedade e os problemas não podem ser resolvidos matematicamente. Desse modo, o pensamento geográfico e seus métodos de ensino alteraram-se com os anos e em 1970 acontece o surgimento da geografia crítica, que traz um novo olhar para esta ciência.

A geografia crítica é vista como uma nova metodologia de ensino que tem como, “fundamento baseado no materialismo histórico que permite ao aluno e aluna organizar o pensamento, desenvolver a criticidade para a transformação social, através da organização de uma imagem caótica para uma estrutura bem organizada do espaço geográfico” (MATIAS, 2008 apud PARENTE, 2017, p 08).

No Brasil, esta mudança nos métodos de ensino da geografia também aconteceu. “Desde 1978, nominadamente, o pensamento geográfico brasileiro passa por um processo interno de questionamento, renovação discursiva e intenso debate” (MOREIRA, 2008, p. 24). Desta maneira, diversos encontros para debates aconteceram e muitos escritores foram debatidos na intenção de compreender o que estava acontecendo e assim buscar formas de agir.

Neste mesmo ano, foi lançado o livro do geógrafo Milton Santos. Livro este que trata desse novo caminho que os métodos geográficos e o pensamento geográfico começaram a traçar em 1970, Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica é o livro no qual Milton traz para o movimento a base substantiva e sistemática que faltava.

Assim, novos métodos surgem com embasamento teórico básico para o seu desenvolvimento e o surgimento de novas pesquisas.

E desse modo, Milton Santos como um dos grandes marcos para o início da disseminação da geografia crítica no Brasil, focou “na realidade local e no processo de mundialização aliado ao aspecto humano existente por trás dos estudos geográficos. Assim, ele adquiriu uma postura crítica em relação ao sistema capitalista” (BEZERRA, 2018). E esta postura crítica frente a realidade brasileira é necessária para uma construção de conhecimento, que permita tanto o desenvolvimento intelectual quanto humano dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das principais teorias relacionadas aos métodos de ensino de Geografia, pode-se compreender que o método tradicional não provoca uma construção de conhecimento no aluno, assim, ele passa a compreender pouco o seu presente e quase não pensa no futuro, só preocupa-se em memorizar o que precisa para o ENEM. Em resposta ao método tradicional, Emilia Ferreiro inspirada em Jean Piaget criou o método construtivista, que se baseia em atividades interativas e formulações de hipóteses na construção do conhecimento. Essa construção permite uma formação crítica dos estudantes, principalmente por conta da influência da geografia crítica neste método.

Segundo Kaercher (1997) apud Amorim (2009, p. 03), [...] “a Geografia pode ser um instrumento valioso para elevarmos a criticidade de nossos alunos. Por tratar de assuntos polêmicos e políticos, a Geografia pode gerar um sem número limite quebrando-se assim a tendência secular de nossa escola como algo tedioso e desligado do cotidiano.” Por isso, o professor tem a função de relacionar todos os assuntos com a realidade dos alunos e assim instigá-los a pensar criticamente e a partir disso, desenvolver concepções que podem mudar o mundo ou apenas ajuda-los a compreender o conteúdo.

Diferente do século passado,

[...] a metodologia usada, atualmente, para aplicar os conteúdos em sala de aula tem passado por diversas mudanças, pois antigamente quando se falava em Geografia pensava-se logo nos mapas, nos rios, nas denominações de capitais, estados, governantes, nas áreas territoriais e altitudes, sendo que todos esses itens eram trabalhados de maneira descritiva, onde tudo era decorado. Hoje, compreende-se que memorizar conteúdos para reproduzi-los fielmente logo em seguida, é uma atitude totalmente insuficiente para ampliar-se o conhecimento (AMORIM, 2009, p. 04).

Por isso, é necessário ofertar uma formação crítica aos alunos, que os levem a analisar a sociedade, sua conjuntura e os problemas sócio-políticos. Para que estes cidadãos futuramente possam reivindicar transformações, possam lutar por seus direitos e por um país melhor. Portanto, o ensino de geografia devia voltar-se para a construção crítica do conhecimento do aluno, invés de fazê-lo decorar conceitos e fórmulas.

Mas o que realmente acontece nas escolas é o método de memorização que não contribui em nada para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Desse modo, “é necessário que o professor trabalhe temas de interesse geral com seus alunos utilizando a informação midiática como instrumento (referência) no sentido de ampliar o conhecimento geográfico do aluno” (LEÃO; LEÃO, 2008 apud PEREIRA et al, 2014, p. 51). E assim, haverá uma construção coletiva de conhecimento por parte dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivos analisar a evolução dos métodos de ensino geográfico, fazendo uma breve comparação entre a geografia tradicional e a geografia crítica e as dificuldades encontradas no ensino de geografia em sala de aula. Pela observação dos aspectos analisados, pode-se compreender que a evolução dos métodos de ensino da geografia não aconteceu do dia pra noite, mas, demorou séculos para tornar-se o que é atualmente.

Assim, os métodos de ensino existentes na atualidade são o resultado da união de fundamentações teóricas desenvolvidas desde a Grécia antiga com as formas utilizadas pelos filósofos, exploradores e geógrafos na pesquisa sobre o planeta. Este entendimento reunido, forma todas as concepções geográficas e permite a busca por novos horizontes, utilizando os métodos de ensino de geografia como guias para o desenvolvimento de pesquisas em Ciência sociais, pois, cada acontecimento favoreceu esta evolução com suas contribuições, formando um docente geógrafo que aprendeu a se adaptar em cada contexto.

No entanto, o atual modelo desses métodos não é o ideal, baseado apenas na memorização dos conteúdos, porém, ainda pode evoluir muito e assim ultrapassar as dificuldades existentes quanto ao ensino da geografia. Todavia, a forma de ensino não evoluiu junto com os métodos de ensino de geografia, por esta razão, são poucas as escolas que não utilizam o método tradicional de ensino. Assim, não há uma construção crítica de conhecimento por grande parte dos alunos e isso é um grande problema para a sociedade, e para o docente geógrafo.

O ensino de geografia devia voltar-se para a construção crítica do conhecimento do aluno, invés de fazê-lo decorar conceitos e fórmulas, como na teórico quantitativa. Mas o que realmente acontece nas escolas é o método de memorização, que não contribui quase nada para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Este problema pode ser corrigido por meio do uso do método construtivista e da geografia crítica unidos no ensino de geografia em sala de aula, assim, os alunos irão aprender os conteúdos e construir novas concepções ao invés de apenas memorizar.

A partir dessa mudança, não só aspectos da educação mudam, mas também, a sociedade no geral. Portanto, é necessário investir cada vez mais no aprimoramento da metodologia de ensino da geografia nas escolas brasileiras. Deste modo, concluímos afirmando que o ensino de geografia pode ser tão interessante quanto as outras ciências, por isso deve ser repensado e valorizado, para que as futuras gerações possam ter uma visão diferente do mesmo. E que possamos ter em mente o processo ensino-aprendizagem como outra possibilidade de pensarmos o mundo de forma mais crítica, e assim poder transformá-lo através de uma verdadeira mudança social que está a caminho.

REFERÊNCIAS

AMORIM, W. M. P. **A evolução do ensino de geografia no brasil**. São Paulo: Webartigos, 2009. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-de-geografia-no-brasil-e-sua-correlacao-com-o-livro-didatico/154647>>. Acesso em: 25 out. 2018.

BEZERRA, J. **Milton Santos**. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/milton-santos/>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

EVANGELISTA, Hélio de Araújo. **A Geografia crítica no Brasil**. Revista geo-paisagem (on line). Ano 5, nº 9. Janeiro/Junho de 2006. ISSN Nº 1677-650 X.

FREITAS, E. de. **Geografia do passado e do presente**. Disponível em: < <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/geografia-passado-presente.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

GOMES, P.C.C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996. 01-366p.

LEAO, Denise Maria Maciel. Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 107, p. 187-206, July 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741999000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 ago. 2019.

MENDONÇA, C. **História da cartografia** - Como surgiram os primeiros mapas. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/santa-catarina-estado.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Editora Contexto. 2008. 01-181p.

MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1994.

PARENTE, A. C. P. **O ensino de geografia no brasil e sua correlação com o livro didático**. São Paulo: Webartigos, 2017. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-ensino-de-geografia-no-brasil-e-sua-correlacao-com-o-livro-didatico/154647>>. Acesso em: 25 out. 2018.

PEREIRA, E. R. de M.; FERREIRA, G. H. de A.; SANTOS, A. O. **Didática e ensino de geografia hoje**: possibilidades e desafios. Ensino de geografia, Uberlândia, v. 5, n. 9, p. 43-62, jul./dez. 2014.

SPITZCOVSKY, D. **Metodologia de ensino utilizada nas escolas brasileiras**. Disponível em: < <https://canaldoensino.com.br/blog/metodologia-de-ensino-utilizada-nas-escolas-brasileiras>>. Acesso em: 13 ago. 2019.